



NIETZSCHE E LIMA BARRETO: INTELECTUAIS NA CORDA BAMBA

ELAINE BRITO SOUZA*

Resumo

Partindo do pressuposto de que Lima Barreto era leitor de Nietzsche, assim como de outros pensadores, este trabalho pretende estabelecer um possível diálogo entre ideias centrais do filósofo alemão a produção literária e intelectual do escritor carioca.

Palavras-chave: Nietzsche. Lima Barreto. Filosofia. Literatura.

Introdução

O homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem – uma corda sobre o abismo.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra.

Este trabalho representa uma tentativa de aproximação entre o pensamento de Friedrich Nietzsche e a produção literária e intelectual de Lima Barreto. Mas o que po-

*Professora do Departamento de Português e Literaturas do Colégio Pedro II e Doutora em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: elainebrito1608@gmail.com

deria haver em comum entre o escritor carioca e o filósofo alemão? Estamos diante de autores que, embora não tenham sido desprezados pela crítica, foram lidos com desconfiança, em parte pelo estilo, em parte pelos temas que trouxeram à luz. Sobre o pensamento de Nietzsche pesam a suposta associação com teorias racistas e o elogio da guerra. De modo semelhante, o drama pessoal e a relação com o álcool contribuem para uma interpretação pejorativa da obra de Lima Barreto.

É possível estabelecer outra aproximação entre Lima Barreto e Nietzsche, pois ambos conheceram de perto a loucura e sobre ela desenvolveram uma visão própria. Em *Aurora*, de 1881, livro em que pretende anunciar o despertar de uma nova moralidade, o filósofo entende a loucura como algo necessário para a quebra de paradigmas, o elemento "que aplaina o caminho da ideia nova" (NIETZSCHE, 2007, p. 30). Nietzsche avança em sua argumentação ao lembrar o valor que a loucura tinha nas sociedades antigas, pois o alienado era visto como uma espécie de porta-voz da divindade. Como diz Nietzsche (Ibidem, p. 31), "lá onde houver a loucura, há um pouco de gênio e sabedoria". A voz do louco deve ser ouvida, e não censurada ou silenciada, como querem todos aqueles que falam em nome da razão.

Biógrafos afirmam que, em consequência de um quadro avançado de sífilis somado a outros problemas de saúde, Nietzsche é acometido por um colapso mental em janeiro de 1889, semanas depois de concluir *Ecce homo*, em novembro de 1888. A proximidade com as primeiras manifestações de demência coloca o conteúdo do livro sob suspeita, fato que explicaria sua publicação apenas dez anos depois. A questão em torno de *Ecce homo* é tão controversa, que se transforma em um "caso" analisado pela Sociedade Psicanalítica de Viena, cujas reuniões eram comandadas por Sigmund Freud. Na contramão de seus interlocutores, o psicanalista chega à conclusão de que Nietzsche não poderia estar mais lúcido quando escreveu sua autobiografia. Em lugar da manifestação de um estado de insanidade, Freud vê em *Ecce homo* um exercício de profunda introspecção jamais alcançado até então¹.

Assim como o filósofo, Lima Barreto demonstra uma lucidez incomum para quem é compulsoriamente levado a viver entre loucos. De saúde historicamente frágil, o escritor carioca acumula internações médicas e duas passagens pelo Hospital Nacional de Alienados, antigo Hospício Pedro II e atual campus da Praia Vermelha da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). Da segunda internação, entre dezembro

1 SOUSA, Paulo César de. Posfácio. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 123-129.

de 1919 e fevereiro de 1920, motivada por uma alucinação alcóolica, resulta o Diário do hospício, documento da maior importância para a psiquiatria brasileira produzido, contraditoriamente, por alguém que, pelo menos em tese, teria perdido a razão. Definitivamente, não é que se verifica nas anotações feitas por Lima Barreto, que impressionam pela capacidade crítica, dirigida, sobretudo, ao discurso científico e ao poder médico. Na interação com um dos alienistas, o paciente chega a produzir uma espécie de diagnóstico ao contrário: "Não lhe tenho nenhuma antipatia, mas julgo-o mais nevrosado e avoado do que eu" (BARRETO, 2001, p.1384). Episódio semelhante é narrado por Nietzsche em *Ecce homo*: "Um médico, que durante muito tempo me tratou como doente dos nervos, acabou por dizer: 'Não! Não há nada nos seus nervos, eu é que começo a ficar nervoso'." (NIETZSCHE, 2008, p.22)

Enfim, ao questionar as circunstâncias da própria internação e o modo de operação do hospício, Lima Barreto levanta suspeita sobre a verdade científica, aproximando-se, assim, da crítica radical de Nietzsche contra os pilares daquilo que a tradição filosófica identifica como "razão". Nesta passagem, por exemplo, o romancista revela uma compreensão de indivíduo mais complexa do que aquela que comparece no discurso médico:

Procuram os antecedentes, para determinar a origem do paciente que está ali, como herdeiro de taras ancestrais; mas não há homem que não as tenha, e se elas determinam loucura, a humanidade toda seria de loucos. Cada homem representa a herança de um número infinito de homens, resume uma população, e é de crer que nessa houvesse fatalmente, pelo menos, um degenerado, um alcoólico, etc. etc. (BARRETO, 2001, p. 1389).

Ao afirmar que temos "milhões de indivíduos" dentro de nós e que cada pessoa "resume uma população", o escritor carioca se aproxima das formulações de Nietzsche, para quem o sujeito deve ser entendido como multiplicidade, e não unidade, como quer a tradição metafísica. Ora, conceber o sujeito como plural, e não íntegro, tem profundas consequências para o saber psiquiátrico, a começar pelo poder do consciente sobre o inconsciente. Se, para a psiquiatria, a conduta voluntária e refletida é sinal de um comportamento sadio, a capacidade de deliberar sobre as próprias ações é, então, uma das principais características do indivíduo considerado sadio. O problema é que, para pensadores como Nietzsche, o livre-arbítrio é uma ilusão, assim como o sujeito autocentrado e consciente. O "penso, logo existo" de Descartes, para Nietz-

sche, não passa de uma artimanha linguística que coloca o sujeito sempre à frente de toda e qualquer ação. Em síntese, poderíamos dizer que o poder da razão sobre o instinto torna-se discutível².

Em outros momentos de sua obra, Lima Barreto reflete sobre o mesmo tema. Em crônica do volume *Impressões de leitura*, por exemplo, o escritor sugere que nosso poder de escolha é limitado: "Nós nunca somos senhores do rumo que deve tomar a nossa vida" (BARRETO, 1956, p. 96). A plena autonomia do sujeito é novamente questionada quando, ao sair do hospício, Policarpo Quaresma é levado a pensar que "há alguma coisa mais forte que nós, que nos guia, que nos impele e em cujas mãos somos apenas joguetes" (BARRETO, 2001, p. 311). Estaria o personagem mais famoso de Lima Barreto refletindo sobre o poder do Acaso?

Enfim, este trabalho baseia-se na hipótese de que o escritor carioca teria assimilado em sua obra aspectos da filosofia nietzschiana, o que demonstra ser Lima Barreto um intelectual em diálogo com as ideias de seu tempo, superando a visão, bastante cristalizada, de "escritor maldito". A ideia de que a produção de Lima Barreto seria apenas o reflexo de um homem ressentido em muito reduz a complexidade de seu pensamento, atravessado por uma crítica social vigorosa e por uma visão de literatura que extrapola os limites dados pela tradição.

A recepção de Nietzsche no Brasil

Foi no contexto da Belle Époque, período de grande movimentação política e cultural vivenciado por Lima Barreto, que as ideias de Nietzsche começam a circular no Brasil. Segundo Brito Broca (2004, p. 165), textos traduzidos do filósofo, em edições da *Mercure de France*, já eram conhecidos no Rio de Janeiro desde o final do século XIX. No início do século XX, o culto de Nietzsche, o filósofo do super-humanismo, ganha adeptos junto a nossos literatos, como João do Rio. Brito Broca nos conta que o jornalista e escritor estava à frente do grupo que frequentava a Confeitaria Pascoal, na

2 O conceito de livre-arbítrio é um dos temas da edição de julho de 2014 da revista *Scientific American*. A matéria "O mundo sem livre-arbítrio" reflete sobre os possíveis impactos das pesquisas neurocientíficas nos campos moral e jurídico. "Na última década, um número crescente de neurocientistas e filósofos têm argumentado que o livre-arbítrio não existe. Em vez disso, somos manipulados por nossas mentes inconscientes com a ilusão de controle consciente. Paralelamente, estudos recentes sugerem que quanto mais as pessoas duvidam do livre-arbítrio, menos apoiam a punição criminal e menos eticamente se comportam entre si." (SHARIFF & VOHLS, 2014, p. 67)

rua do Ouvidor, em retaliação aos assíduos da Confeitaria Colombo, na rua Gonçalves Dias, cujo líder era Olavo Bilac. Em O momento literário, de 1907, depois de citar um trecho de Assim falou Zaratustra, João do Rio escreve que o poeta Alberto Ramos "cultiva o eu, praticando o super-humanismo de Nietzsche". Ora, se considerarmos que o eu, concebido como unidade e dotado de livre-arbítrio, não passa de uma ilusão para Nietzsche, então mais coerente seria falar em "negação" do eu. Porém, ao contrário disso, vê-se no pensamento de Nietzsche um elogio ao individualismo, uma verdadeira filosofia do ego. Outro exemplo de como as ideias de Nietzsche foram recebidas por nossos homens de pensamento é um curioso episódio envolvendo Magnus Sondahl, o exótico mineiro de origem irlandesa que pretendia fundar uma nova religião, misturando positivismo, maçonaria, catolicismo e magia. Conta-se que ele teria praticado nudismo em praias afastadas do Rio de Janeiro, atitude imediatamente atribuída ao "amoralismo nietzschiano". Recorrendo às palavras do próprio Brito Broca, esses e outros casos demonstram a "má assimilação da filosofia de Nietzsche" no Brasil daquela época.

Em artigo de 1903, publicado na primeira página do jornal Correio da manhã, José Veríssimo constata que Nietzsche havia se transformado em fenômeno literário no Brasil: "Nietzsche está na moda porque filosofias e filósofos também têm moda, como as casacas e os vestidos", pondera Veríssimo (2014, p. 125). O crítico parte do princípio de que as ideias de Nietzsche estão em voga naquele momento, pois atenderiam a sentimentos cada vez mais cultivados pela sociedade de seu tempo, como o individualismo e a negação dos valores morais. "Foi assim" - ressalta Veríssimo (Idibem, p. 127) - "que o compreenderam não só os que se diziam seus discípulos, mas grande número dos que se lhe opunham como adversários." De fato, entre os entusiastas e os críticos do pensador alemão, suas reflexões costumavam ser entendidas como uma exaltação à dureza, à crueldade e ao prazer acima de tudo. Então, como sugere o próprio Veríssimo, a grande e rápida repercussão da filosofia nietzschiana entre os literatos do final do século XIX e início do século XX pode ter sido motivada por interpretações apressadas.

No entanto, embora Veríssimo reconheça que muitas interpretações de Nietzsche sejam, de fato, superficiais, ele considera seu projeto filosófico inconsistente. O crítico sustenta sua opinião da seguinte forma: se as ideias de Nietzsche suscitam leituras tão díspares, é porque talvez sejam realmente "vagas", "imprecisas" e "inconsequentes". Mesmo assim, ele dedica o artigo a uma publicação recente sobre Nietzsche, em que Eugène de Roberty apresenta uma nova abordagem das ideias do pensador ale-

mão. Veríssimo adverte que não pretende dizer se a nova interpretação de Nietzsche é verdadeira ou não, mas declara de antemão que seu mais novo intérprete francês teria supervalorizado suas qualidades como filósofo, ao ver no autor de Assim falou Zaratustra um “pensador generosamente otimista e humano” em lugar de um “egoísta seco” e um “imoralista cínico”. A crítica de Veríssimo deixa antever como Nietzsche é interpretado tanto no Brasil como na Europa, ou seja, como um pensador hermético que se coloca acima do bem e do mal. Em *Ecce homo*, Nietzsche comenta algumas opiniões sobre seus livros, como a de Heinrich von Stein, que havia se queixado de “não ter entendido nada de Zaratustra” (NIETZSCHE, 2008a, p.50), enquanto Karl Spitteler tratou a obra como “superior exercício de estilo”, recomendando ao autor que também cuidasse do conteúdo (Ibidem. p.51). Longe de se sentir ultrajado com tais opiniões, Nietzsche as entende como uma espécie de elogio ao contrário: “Meu triunfo é exatamente o inverso de Schopenhauer – non legor, non legar [não sou lido, não serei lido], digo eu” (Ibidem, p. 50). Na verdade, em vários momentos de suas reflexões, o filósofo tem consciência de que escreve para poucos, como ele mesmo projeta, “talvez se criem até cátedras para interpretação do Zaratustra”.

A crítica negativa de Veríssimo contrasta com o entusiasmo de Albertina Bertha³, em conferência realizada no salão nobre do Jornal do Commercio em agosto de 1914. A escritora elege Nietzsche como tema, pois, segundo ela, apesar de ser o “filósofo genial do século”, permanece desconhecido e mal interpretado: “Quantas vezes meus ouvidos não foram feridos por críticas descabidas, oriundas da ignorância total de seus trabalhos” (BERTHA, 2015, p. 139). De fato, a escrita demonstra ser uma leitora mais perspicaz que muitos de seus pares. Assim como Veríssimo, Albertina Bertha considera Nietzsche um “poeta” e Zaratustra um “poema em prosa”, mas não o faz em tom depreciativo, como seu colega de crítica. Pelo contrário, ela sugere que o filósofo busca na linguagem uma relação com o conteúdo de sua mensagem, tentando “concretizar o que ainda é informe e caótico”. O próprio Nietzsche (2008a, p. 26) esclarece que “narra poeticamente” em Zaratustra, o que nos faz pensar em sua obra como metáfora, e não como acidente de linguagem.

Por outro lado, a conferencista adverte que o leitor de Nietzsche não deve ser um neófito, mas alguém que já tenha acumulado recursos suficientes para penetrar suas ideias com clareza. Quanto ao caráter “difuso” de sua obra, Albertina apresenta uma

3 Escritora brasileira do início do século XX, considerada uma das precursoras do feminismo no Brasil. Seu romance de estreia, *Exaltação*, foi publicado primeiramente como folheto do Jornal do Commercio em 1916.

justificativa, que, em nossa visão, reflete acuidade leitora: "Sua filosofia não obedece a sistemas, não tem ordem, não é catalogada" (BERTHA, 2015, p. 143). Embora reconheça que isso muitas vezes impede a compreensão de suas ideias, não desqualifica seus escritos como "incompreensíveis", mas como portadores de uma verdade ainda pouco acessível. Ao se referir aos aforismos, Bertha limita-se a descrevê-los, sem demonstrar julgamento sobre sua concepção de escrita: "As suas teorias se deram pelos seus múltiplos livros em períodos curtos, sintéticos, que muitas vezes nada têm a ver com os antecedentes" (Ibidem, p. 144).

No plano do conteúdo, a palestrante aborda, ainda que rapidamente, conceitos centrais para o pensamento nietzschiano. Em relação à consciência, por exemplo, identifica em Nietzsche um fato novo: o filósofo a considera um "conjunto sensorial", um "órgão condutor", e não como algo imaterial para além do indivíduo. Ela ainda vai mais longe ao relacionar a filosofia nietzschiana às pesquisas em curso no campo das várias ciências. Em sua visão, as definições de Nietzsche para vontade, causa-e-efeito e livre-arbítrio "representam a evolução do pensamento humano sob a influência das descobertas científicas, dos trabalhos de laboratório" e, nesse sentido, cita Marie Curie, que teria demonstrado que a matéria não é indestrutível ou imutável (Ibidem, p. 52).

A análise de Albertina Bertha é ainda mais lúcida quando se dedica ao super-homem. Trata-se de um conceito que rendeu a Nietzsche o título de imoral/amoral, pois foi assimilado como combate aos valores cristãos, baseados na igualdade e no perdão. Em *Ecce homo*, Nietzsche reflete sobre a recepção crítica do termo: "A palavra 'super-homem' (...) foi entendida, em quase toda parte, com total inocência (...)" (NIETZSCHE, 2008a, p. 52). Ele explica que, equivocadamente, "super-homem" passou a designar um tipo superior, em oposição a homens a homens "bons", levando a uma interpretação darwinista do termo, por mais que Nietzsche refute Darwin⁴. Na contramão do senso comum, Albertina Bertha não vê no "super-homem" a aniquilação dos valores morais, mas o surgimento de outra moral, mais humana e menos dogmática. Como bem avalia a escritora carioca, devemos refrear nossos impulsos, o que não significa anulá-los ou enfraquecê-los. Em *Ecce homo*, Nietzsche dirá: "Minha humanidade é

4 "Anti-Darwin – O que mais me surpreende na visão sinóptica do grande destino do homem é ver, diante dos olhos, sempre o contrário daquilo que hoje Darwin, com sua escola, vê ou quer ver: a seleção em proveito dos mais fortes, dos mais afortunados, o progresso da espécie. O que é palpável é justamente o contrário: a eliminação dos casos mais felizes, a inutilidade dos tipos que galgaram a superioridade, a inevitável supremacia dos tipos medianos e mesmo dos que ficam abaixo da média" (NIETZSCHE, 2008b, p. 346).

uma contínua superação de mim mesmo" (Ibidem, p. 31). Logo, não se trata de superar o outro, e sim a nós mesmos, pois, como diz Albertina Bertha, Nietzsche "ensina a praticar a crueldade para conosco" (BERTHA, 2015, p. 148). Pensando dessa forma, o autor de obras polêmicas, como *O anticristo*, estaria usando, na verdade, "dos mesmos recursos dos ensinamentos cristãos".

A simpatia de Albertina Bertha não esmorece nem mesmo diante do que Nietzsche escreve sobre as mulheres, em passagens como esta: "Ah, que perigoso, insinuante, subterrâneo bichinho de rapina" (NIETZSCHE, 2008a, p. 56). Ou esta, em que reduz a luta por direitos a um suposto sentimento de irrealização pessoal: "Emancipação da mulher. Isso é ódio instintivo da mulher que não viga, ou seja, não procria" (NIETZSCHE, 2008a, p. 57). Dada a misoginia do alemão, que nos parece indiscutível, o que teria a dizer a feminista Albertina Bertha? Para ela, que defendia o voto feminino e questionava a hegemonia masculina nos meios literários, há uma divergência entre o que Nietzsche escreve sobre as mulheres e sua real convivência com elas, conclusão a que chega depois de investigar a correspondência e outros escritos pessoais do filósofo. O machismo de Nietzsche não passaria de provocação de um homem solitário, a querer um colo feminino, sem conexão com sua filosofia como um todo: "Ora, um homem capaz desses refinamentos de sentimentos não se teria expressado sobre nós, como o fez, senão por desporto" (BERTHA, 2015, p. 158). Enfim, Albertina Bertha termina sua conferência ressaltando o poder das ideias de Nietzsche, pois elas desestabilizam e inspiram ao mesmo tempo, transformando-as em um "grito de alarme".

Pensamento semelhante será o de Monteiro Lobato, leitor assíduo de Nietzsche, o que pode ser verificado ao longo da correspondência com o amigo Godofredo Rangel, reunida no volume *A barca de Gleyre* (2010). Para Lobato, Nietzsche é um "desencrostador", um "semeador de horizontes", "uma potassa cáustica", todavia, para bem entendê-lo, seria necessário ultrapassar os obstáculos da escrita: "é preciso nos ambientar nessa linguagem nova" (LOBATO, 2010, p. 59).

Quase três décadas depois, a recepção crítica de Nietzsche ganhará um novo e decisivo capítulo entre os intelectuais brasileiros. Dessa vez, quem toma a palavra é Antonio Candido, no célebre artigo *O portador*, publicado em 1946 no *Diário de São Paulo*, no qual reflete sobre os equívocos em torno do pensamento de Nietzsche e convoca os leitores a uma revisão do tema:

É preciso afastar, em relação a pensadores como Nietzsche, o conceito de guerra –

propagandístico ou ingênuo –, que o encara como uma espécie de Rosenberg mais fino e procura ver no seu pensamento o precursor do nazismo. Esse antipangermanista convicto deve ser considerado o que realmente é: um dos maiores inspiradores do mundo moderno, cuja lição, longe de exaurida, pode servir de guia a muitos problemas do humanismo contemporâneo (CANDIDO, 2003, p. 13).

Segundo Candido, os livros de Nietzsche “ensinam a dançar”, pois têm a capacidade de fazer pensar nos valores sob os quais vivemos. Em sua visão, há mais comodismo e “flacidez moral” em nossas convicções do que nobreza e reflexão profunda: “Ele vinha romper uma série de hábitos tacitamente aceitos e mostrar que a própria filosofia não dava mais conta das obrigações para com a vida” (Ibidem, p. 16). Talvez por isso Nietzsche tenha se tornado um personagem incômodo, o que também teria ocorrido a um de seus leitores, o escritor Lima Barreto.

Lima Barreto, leitor de Nietzsche

Em artigo de 1920, publicado na Gazeta de notícias, Lima Barreto dispara: “Não gosto de Nietzsche; tenho por ele ojeriza pessoal” (BARRETO, 2015, p. 169). No texto, o escritor analisa o livro de Albertina Bertha, Estudos, que traz um ensaio sobre o filósofo. Lima considera a leitura da feminista excessivamente elogiosa em relação ao autor de Assim falou Zaratustra, pois compara, por exemplo, o super-humanismo ao budismo e ao cristianismo. “É possível admitir sujeito de tal moral digno do Paraíso ou do Nirvana?”, pergunta o escritor. A princípio, Lima Barreto compartilha da ideia, bastante disseminada, de que o filósofo teria proporcionado ao nazifascismo uma ideologia capaz de justificá-lo e, ao capitalismo, um discurso que o tornasse legítimo.

No entanto, se fizermos uma análise mais cuidadosa de seus escritos, veremos que alguns pontos dessa acusação não se sustentam. Embora Nietzsche (2008a, p. 29) afirme que a agressão faça parte de seus instintos, sua guerra é “sem pólvora e fumaça” (Ibidem, p. 69), o que nos leva a pensar o tema da guerra em Nietzsche como metáfora do conhecimento, um “duelo” no campo conceitual. A imagem do “filósofo guerreiro” é recorrente em Nietzsche, como nesta passagem do primeiro capítulo de *Ecce homo*: “Ataco somente causas em que não encontraria aliados, em que estou só – em que me comprometo sozinho” (Ibidem, p. 30). Sobre a questão judaica, cabe a leitura da primeira dissertação da Genealogia da moral, onde Nietzsche saúda a ousadia do povo judeu ao promover pela primeira vez na história a tão almejada “tresvalo-

ração dos valores" (NIETZSCHE, 2009, p. 23). Há também indícios autobiográficos que apontam para a absolvição de Nietzsche, como o rompimento com Wagner, que teria cedido ao Reich, e a ausência no casamento da irmã em retaliação ao antissemitismo do cunhado. O que nunca perdoei a Wagner? O haver condescendido com os alemães" (NIETZSCHE, 2008, p. 42).

No tocante a Lima Barreto, é preciso considerar que, em outras referências a Nietzsche, não se lê uma intenção crítica. Pelo contrário: há casos em que o escritor se apropria de ideias nietzschianas com o propósito de ilustrar as suas, como na epígrafe do conto Como o "homem" chegou, que consiste em uma citação de Zaratustra: "Deus está morto. Sua piedade pelos homens matou-o." A sentença, uma das mais famosas e enigmáticas de Nietzsche, poderia ser lida como sob viés ateu, mas o que está em jogo é um conjunto mais amplo de crenças, como a ciência e a razão. Ao proclamar a morte dos valores tradicionais, Nietzsche convida à criação de outros, mais verdadeiros e menos pretensiosos. A epígrafe dialoga com o conteúdo do conto na medida em que resume a situação absurda vivida pelo protagonista, detido por forças policiais apenas porque seus vizinhos consideravam seu comportamento estranho. A transferência do preso é feita de modo tão desumano, que resulta na morte do personagem.

Há, ainda, outras alusões a Nietzsche bastante representativas. Em 1918, internado no Hospital Central do Exército por conta de uma quebra de clavícula, Lima escreve uma crônica que será publicada no periódico ABC. Em Da minha cela, Lima Barreto comenta leituras feitas a internação, com destaque para artigos recolhidos na imprensa diária. Um deles, em especial, chama a atenção do escritor, por conter incoerências dignas de correção. O articulista opõe ao socialismo e ao anarquismo uma nova ideologia, o nietzschianismo, surgido com o fim da Primeira Guerra. Lima Barreto lembra, no entanto, que Nietzsche conclui sua obra muito antes do término do conflito. Além do anacronismo, o romancista ajusta a maneira como o super-homem é interpretado:

Compete-me dizer afinal ao festejado articulista que o Zaratustra, do Nietzsche, dizia que o homem é uma corda estendida entre o animal e o super-humano – uma corda sobre um abismo. Perigoso era atravessá-la; perigoso, ficar no caminho; perigoso, olhar para trás. Cito de cor, mas creio que sem falsear o pensamento (BARRETO, 2004, p. 398 – grifos nossos).

Com “cito de cor”, Lima Barreto sugere ser um leitor atento de Nietzsche, alguém com autoridade suficiente para divergir: “Tome, pois, o senhor jornalista cuidado com o seu nietzschianismo de última hora, a serviço desses nossos grotescos super-homens da política, da finança e da indústria” (Ibidem, p. 399). Curiosamente, dois anos depois, na já citada crítica a respeito do estudo de Albertina Bertha, Lima Barreto acusa o filósofo de ser o responsável pela guerra de 1914.

Não obstante as hesitações do romancista a respeito do super-humanismo, o fato é que o escritor transita com facilidade pelas ideias de Nietzsche. Nesse sentido, algumas anotações feitas no Diário íntimo funcionam como uma clara demonstração de conhecimento dos temas nietzschianos. É o que ocorre nesta passagem, sem data, em que Lima Barreto compara o filósofo a Balzac: “No *Peau de Chagrin*, de Balzac, há o seguinte pensamento muito semelhante a um de Nietzsche: *L'homme est un bouffon qui danse sur des précipices*” (BARRETO, 2001, p. 1325). Além dessa, localizamos outras duas, com transcrições comentadas de Assim falou Zaratustra e A origem da tragédia. Há também um registro datado de 05 de maio de 1908, no qual Lima Barreto afirma ter dormido tarde no dia anterior em função da leitura de um artigo de Jules Gaultier sobre o último livro de Nietzsche. Estaria o escritor se referindo a *Ecce homo*, que viera a público no mesmo ano? O Diário íntimo fornece indícios de que o romancista carioca, que tinha o hábito de colecionar revistas literárias e ilustradas, acompanhava as publicações de Nietzsche na imprensa especializada: “Nietzsche: *Revue des Deux Mondes* - setembro a outubro de 1892.” Não podemos deixar de citar os dois títulos de Nietzsche que integram a Coleção Limana, a biblioteca pessoal do autor: um volume em espanhol de *O anticristo* e uma edição da *Mercure de France*, intitulada *Pages Choisies*, contendo trechos de obras.

Por último, cabe ressaltar a presença de Nietzsche em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, considerado o romance mais “filosófico” de Lima Barreto, graças à mania de reflexão de seu personagem-tema. Ao final do capítulo intitulado “O inventor e a aeronave”, o narrador comenta a teoria de Gonzaga de Sá sobre o Acaso, tema desenvolvido por Nietzsche a propósito do questionamento sobre o par causa-efeito:

Entendi bem que ele queria dizer que o Acaso, mais do que qualquer outro Deus, é capaz de perturbar imprevistamente os mais sábios planos que tenhamos traçado e zombar da nossa ciência e da nossa vontade. O Acaso não tem predileções... (Ibidem, p. 568).

No quarto capítulo, Augusto Machado passa uma tarde no Café Papagaio, onde par-

ticipa de um despretenso debate com os amigos sobre alguns temas filosóficos, entre eles o conceito de super-homem: " - Um super-homem! – considerou o invejoso Domingos./ - Que diabo vocês chamam de super-homem? – pergunta o Rangel./ - Um cidadão que fica Além do Bem e do Mal" (Ibidem, p. 600)

Na sequência, o narrador reproduz um diálogo com Gonzaga de Sá, no qual reverberam algumas máximas nietzschianas, como aquela que diz que "não existem fatos, apenas interpretações", uma afronta à "vontade de verdade" que predomina no pensamento ocidental:

Não sofro daquilo que Renan chamava a horrível mania de certeza. Tudo para mim foge, escapa, não se colhe. O que há são crenças, criações do nosso espírito, feitas por ele para seu gasto, estranhas ao mundo externo, que talvez não tenha nenhuma ordem para se curvar à que criamos (BARRETO, 2001, p. 617).

Sobre a intenção de biografar Gonzaga de Sá, o narrador chega a uma conclusão que pode ser lida pelo viés da multiplicidade de eus:

Desesperava por compreendê-lo, fiz todas as hipóteses, combinei-as, sem que o tivesse perfeitamente compreendido, confesso; e até o presente, quando ligo os diferentes modos de ser como que ele se me apresentou hoje, ontem e amanhã, em vários momentos e horas, é tal a incoerência, é tal a falta de ligação dos seus atos, que o vejo na memória como vi naquela tarde, em um café a circunvagando o olhar para tudo: enigmático! (Ibidem, p. 616).

Portanto, diante da impossibilidade de alcançar inteiramente a verdade sobre o amigo, Augusto Machado contenta-se com "interpretações de sua alma". Dessa forma, o narrador criado por Lima Barreto, ao empreender a biografia de Gonzaga de Sá, depara-se com o problema da expressão, diretamente relacionado ao problema da verdade e do sujeito. Afinal, perguntará Nietzsche: pode a palavra representar a verdade das coisas ou das pessoas? A resposta é, naturalmente, não. A linguagem consiste em uma interpretação sobre as coisas, e não nas coisas em si mesmas. Logo, alcançar a verdade do eu, único e estável, resulta em uma tarefa, contraditoriamente, inalcançável. Por essa razão, Augusto Machado coloca em suspensão as certezas sobre o amigo e, em lugar da unidade, opta por retratá-lo em suas dúvidas e contradições.

Considerações finais

Se é verdade que Lima Barreto foi um leitor de Nietzsche, também o é que sua adesão às ideias do filósofo não se deu de modo total e irrestrito, mas compreende momentos de incompreensão, recusa e assimilação. Logo, o diálogo entre Nietzsche e Lima Barreto é marcado pela tensão, como a corda que se estende entre as duas pontas do abismo.

Intelectuais intempestivos e autores de obras extemporâneas, Nietzsche e Lima Barreto investigaram o universo da loucura e extraíram dela algo maior do que a própria doença. O mergulho nas águas profundas do autoconhecimento produz uma reflexão tão lúcida quanto inquietante: o "conhece-te a ti mesmo" dos gregos antigos soa tão ilusório quanto o "penso, logo existo" cartesiano, tornando complexa a relação entre indivíduo e o saber produzido sobre si mesmo e a realidade que o cerca.

A possibilidade de aproximação entre Nietzsche e Lima Barreto contribui, em última análise, para o amplo processo de revisão crítica do romancista, na medida em que revela, para além das questões autobiográficas, o questionamento das formas literárias sedimentadas pela tradição, mas incompatíveis com as transformações sofridas no campo conceitual. A passagem do século XIX para o século XX é marcada por abalos profundos na forma de pensar e ver o mundo, com consequências para as noções de sujeito, verdade e linguagem, debate alcançado por Lima Barreto e problematizado em seus escritos.

Portanto, a ideia de que a obra de Lima Barreto se limita ao projeto de revanche pessoal não considera a conduta intelectual do autor e ignora a contribuição de seu pensamento para o fazer literário. No célebre artigo a respeito do super-homem, Antonio Candido mobiliza seus interlocutores: "Recuperemos Nietzsche". Na mesma clave, diríamos: recuperemos Lima Barreto.

Referências bibliográficas

BARRETO, Lima. Estudos. Cadernos Nietzsche, São Paulo, v.36 n.1, p. 167-172, 2015.

_____. Impressões de leitura. Prefácio de M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. Prosa seleta. Organização de Eliane Vasconcellos. São Paulo: Nova Aguilar, 2001.

_____. Toda crônica: Lima Barreto. Organização de Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. [Volume 1]

BERTHA, Albertina. Nietzsche. Cadernos Nietzsche. São Paulo, nº 01, v. 36, 2015, p. 139-161.

BROCA, Brito. A vida literária no Brasil: 1900. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Academia Brasileira de Letras, 2004.

CANDIDO, Antonio. O portador. Cadernos Nietzsche. v. 32, 2003. p. 13-22.

LOBATO, Monteiro. A barca de Gleyre. São Paulo: Globo, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. Acerca da verdade e da mentira. In: ___ O anticristo. Tradução de Heloísa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

_____. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

_____. Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2007.

_____. Ecce homo: como alguém se torna o que é. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.

_____. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. Vontade de poder. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008b.

VERÍSSIMO, José. Um Nietzsche diferente. Cadernos Nietzsche, São Paulo, v.I n.35, p. 125-132, 2014.